

José Roberto de Castro Neves: O Direito em Shakespeare

RESUMO:

José Roberto de Castro Neves é advogado, professor de Direito Civil da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), mestre em Direito pela Universidade de Cambridge, Inglaterra e doutor em Direito Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Autor de diversos livros, entre eles, Medida por Medida – O Direito em Shakespeare; A Invenção do Direito e Direito das Obrigações, todos já com diversas edições. O professor apresentou a palestra: “O Direito em Shakespeare” e realizou o lançamento do livro “O mundo é um palco – Shakespeare 400 anos: um olhar brasileiro”.

AUTOR:

Alex Wolf – diretor do Grutun! Grupo de Teatro UniBrasil, professor da FAE Centro Universitário.

Durante o século XIV, a Europa Ocidental passou por uma fase conturbada, caracterizada por um momento de dificuldades econômicas, pela diminuição da população, por diversas guerras e pelo enfraquecimento do poder da Igreja. Esses foram alguns dos sinais que anunciavam o fim da Idade Média. Nesse período, a Inglaterra vivia um momento de conflitos externos e internos. Essa situação terminou quando Henrique Tudor se tornou rei da Inglaterra, adotando o título de Henrique VII, dando início a Casa dos Tudor - uma das maiores dinastias de monarcas britânicos. O trono é sucedido por Henrique VIII, que é muito lembrado por seus diversos casamentos e, em especial um deles, o qual gerou uma menina que viria a ser uma das maiores monarcas inglesas: Elizabeth I. No reinado da “rainha virgem”, a Inglaterra se tornou a maior potência econômica, política e cultural da Europa. Essa mudança toda permitiu o aparecimento de grandes nomes das artes e das ciências, em que se destaca Sir William Shakespeare, escritor e dramaturgo, que viveu em pleno auge da Era de Ouro Inglesa, um momento histórico que favoreceu intensamente o trabalho desse artista.

Sua obra dramática tratou sobre a alma humana, o amor, os problemas sociais, as questões políticas, entre outras temáticas universais que o fazem sempre atual. São dele obras como Hamlet, Romeu e Julieta, Rei Lear dentre outras apresentadas até hoje nos principais teatros de todo o mundo. Muitos são os pesquisadores



que realizaram estudos a partir das obras do “bardo” e dentre eles podemos citar o Dr. José Roberto de Castro Neves, que pesquisa sobre o tema do Direito em Shakespeare. Em sua palestra no UniBrasil Centro Universitário, apresentou-nos um tema muito agradável com o objetivo de compreender a importância da cultura na formação do advogado e também do cidadão, estimulando para que mais pessoas tenham acesso à obra de Shakespeare.

A sua pergunta inicial foi: Por que devemos ler? Sua resposta, apesar de ser conhecida de todos, nos faz refletir sobre a importância da leitura na formação dos profissionais de hoje. Segundo ele, ler trabalha a nossa mente e provoca um diálogo interior, permitindo a reflexão mais aprofundada dos mais diferentes assuntos. Além disso, a literatura nos dá ferramentas e instrumentos para a boa comunicação, pois gera inúmeras interpretações e traz

a revelação daquilo que não está óbvio, apresentando a humanidade além do relato histórico, e nos aproximando do indivíduo, do homem como ser pensante. Fez-nos também refletir sobre a diferença entre cultura e informação. Informação se refere a dados que chegam a nós diariamente com muita rapidez e tem um valor imediato. Hoje estão muito próximas de nós por conta dos meios de comunicação. Cultura é também um dado, importante, porém ela vem a nós carregada de valor. Vem nos informar a partir de uma uma carga valorativa. Ela nos é entregue a partir da tradição, apresentada de geração em geração. A mitologia grega, por exemplo, nos traz um mundo de informação, assim como Dante e Shakespeare. E aí nos vem uma outra pergunta: Será que vamos conseguir transmitir essa cultura para as próximas gerações? As informações hoje são tão superficiais que deixam um espaço que não é mais preenchido pela cultura. A sociedade em que nós vivemos acaba apenas oferecendo informação e não cultura aos seus indivíduos. E talvez o conhecimento

dos textos de Shakespeare possa contribuir com esse espaço entre informação e cultura. Para o palestrante, gosto se discute. Como você vai saber o que é melhor? Vai conseguir se você tem cultura e não apenas informação.

Para nosso palestrante, uma das formas de se ampliar essa cultura vazia de informação é a leitura de alguns dos clássicos, como as obras de William Shakespeare. E quem foi esse homem? Ele nasceu em 1564, numa pequena cidade da Inglaterra que ficava há 3 dias andando de Londres, e morreu em 1614, nessa mesma cidade, depois de ter passado um bom tempo na capital de seu país. Foi um grande ator, um empresário, tinha dois teatros, era sócio de uma companhia teatral e foi principalmente um grande dramaturgo. Escreveu peças extraordinárias e conhecidas até hoje e que vem encantando a todos, de geração em geração. Isso gerou um mundo de discussões sobre ele, desde temas sobre sua vida e sua obra até olhares, de outras disciplinas além da literatura e da história, sobre seus textos, personagens e tramas dramáticas. Ele viveu numa época politicamente turbulenta. A rainha não era legalmente a legítima dona do trono, pois sua mãe não era uma nobre. Mesmo assim, ela manteve seu reinado por 45 anos. Não deixou herdeiros e, três dias antes de morrer, indicou Jaime I, um rei escocês, como seu sucessor. Esse rei não foi respeitado pelos ingleses por conta da diferença dos sistemas jurídicos entre a Inglaterra e a Escócia. Para colaborar com a mudança social e política, naquele momento havia uma revolução científica em andamento. O universo estava ao avesso, a terra passa a ser apenas um pedaço muito pequeno desse espaço, a política passa a ser vista de uma forma diversa na qual

o rei deixa de ser a emanção do poder e o homem passa a ser protagonista e, esse mesmo homem, acabou de descobrir o outro mundo. Novos paradigmas estavam em jogo.

Shakespeare nunca se preocupou em dar respostas. Apenas provocava o pensamento, dava ao leitor o poder da interpretação. O que permite que cada um de nós possa ter seu próprio olhar sobre a sua obra. O que vamos perceber é que tudo tem motivo nas suas peças e poemas como num quebra-cabeça em busca sempre de uma conclusão inteligente. Não há a interferência do divino, sempre o homem é responsável pelos seus atos, sendo ele o grande protagonista das peças do dramaturgo inglês. Mostrou-nos, a partir de seus personagens e situações, a complexidade do ser humano. Não há um modelo perfeito, todos são de carne e osso, capazes de coisas maravilhosas e ao mesmo tempo horrorosas. Seguiu um caminho como todo artista. Teve várias fases: no início, suas peças reclamavam sangue, atendendo a uma necessidade do seu público; em seguida, numa fase ensolarada, adolescente, trouxe peças mais suaves e, na sequência, ele passa a uma fase sombria, na qual temos as grandes tragédias tratando sobre os grandes temas da humanidade e, por fim, temas mais alegóricos, como uma mensagem para aqueles que ainda estavam por vir.

Na Londres dessa época, a maior cidade do mundo conhecido, 250.000 pessoas viviam nela e para se divertirem lutavam com cachorros, ao teatro e assistiam aos julgamentos e execuções. A cidade tinha muitos teatros. A rainha gostava dessa atividade, entretanto, os artistas só podiam trabalhar se tivessem alguma autorização de um nobre. O Globe, teatro em que Shakespeare atuava, atendia

a 2.500 pessoas e tinha apresentações todos os dias. As peças traziam questões que eram discutidas nos julgamentos e suas decisões eram apresentadas no palco. Um exemplo disso pode ser citado pela morte da personagem Ofélia em Hamlet, história que era verídica e que discutia a possibilidade de alguém se suicidar e ser enterrada, tema colocado por Shakespeare na boca de dois coveiros em sua peça. Grande parte de seus dramas, tragédias e comédias apresentam questões jurídicas. Os julgamentos são muito comuns nos seus textos e, muitas vezes, sua plateia era formada por advogados e estudantes de Direito, e algumas de suas peças foram apresentadas nas escolas de Direito da época.

Após esse panorama sobre o dramaturgo e sua época, o professor Castro Neves começou a nos apresentar algumas das obras shakespearianas nas quais o direito está claramente presente. A primeira a ser tratada foi a *Megera Domada*. A peça trata sobre duas irmãs, Catarina e Bianca, muito diferentes entre si: a primeira, indomável; a segunda, dócil. Moradoras em Pádua e filhas de Batista, um nobre, são alvo de muitos pretendentes. Porém, todos querem casar com Bianca, que por ordem de seu pai só poderá se casar depois de Catarina. Assim, aparece Petruquio, que é contratado pelos pretendentes de Bianca e deverá casar com Catarina. A comédia acaba com o casamento de Bianca, e Petruquio e Catarina completamente apaixonados. Os homens presentes no casamento de Bianca fazem uma aposta para ver qual das mulheres serviria primeiro bebida ao seu marido, e para surpresa de todos é Catarina que se apresenta. Ela termina a peça com um texto brilhante sobre a subserviência da

mulher ao homem, e como a mulher deve respeitar o homem como grande provedor. Esse texto pode ser interpretado com um cinismo muito grande e permite às atrizes diferentes interpretações, transformando-o, mostrando como uma mulher deve se inserir na sociedade. Em *Henrique VI*, do primeiro período shakespeariano, nos foi apresentada uma frase de um açougueiro que diz que se devem matar todos os advogados. E qual seria o motivo para ele falar isso? Colocado dentro do contexto adequado, acaba se tornando um elogio do dramaturgo inglês aos advogados, pois sem eles não teríamos quem entendesse as leis, ou seja, perderíamos os grandes guardiões da justiça.

E assim seguimos por *Ricardo II*, *Romeu e Julieta*, *Julio César*, *Otello* e *Rei Lear*, numa viagem deliciosa e instigante relacionando fatos jurídicos e a escritura desse grande mestre da literatura. Shakespeare sempre será uma fonte inesgotável para os mais diversos olhares e situações. E, para finalizarmos, cabe perceber que o pensamento inicial proposto pelo professor José Roberto, de que o espaço entre a diferença da informação e da cultura pode ser preenchido pela obra de um autor clássico, realmente é possível. O que precisamos fazer é incentivar a leitura, o pensar e o diálogo entre o clássico e a atualidade para que possamos encontrar respostas mais suaves para o nosso futuro. Precisamos acreditar na tradição.

